



## **O que escrevem os monstros & outras considerações de uma professora em formação**

*What the monsters write & other considerations by a teacher in formation*

Eduarda Ritzel<sup>i</sup>  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Cristiano Bedin da Costa<sup>ii</sup>  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

### **Resumo**

Este trabalho tem o objetivo de analisar o sujeito na educação contemporânea a partir das observações e experiências docentes realizadas nos estágios obrigatórios I e II de licenciatura em Ciências Sociais. Através de uma didática artista e a partir do conceito de monstros, além da escrita, questiona-se o que é o ser humano, partindo do pressuposto de que o sujeito é uma construção social. Cria-se, portanto, uma heterotopia: um pequeno vilarejo de monstros da educação, produzidos por alunos e alunas de ensino superior, estudantes de Ensino Médio e estudantes de Ensino Fundamental, que pretende criar rachaduras nas identidades fixas e, com isso, imaginam-se outros espaços, nos quais identidades outras movimentam-se.

**Palavras-chave:** monstros, escrita, sujeito, educação.

### **Abstract**

This work aims to analyze the subject in contemporary education based on observations and experiences lived in mandatory teaching practices I and II of a Social Science major. Through an artistic didactic and being based on the concept of monsters, besides the writing, we question what the human being is, assuming that the subject is a social construction. Therefore, we create a heterotopia: a small village of education monsters, produced by college, high, and elementary school students, which intends to create fissures in fixed identities, imagining other spaces where other identities move.

**Keywords:** monsters, writing, subject, education.

Enviado em: 30/04/19 - Aprovado em: 07/09/19

## **1 Traçando um plano**

Há quase duas décadas, Tomaz Tadeu da Silva (2000, p. 13) já salientava: “senhoras e senhores, lamentamos informar que o sujeito da educação já não é mais o mesmo”. Trata-se do “anúncio” de um sujeito da educação que não corresponde mais às características essenciais para a tradição humanista. Com esse sujeito agora fragmentado – não mais unificado –, possibilita-se questionar a centralidade, a homogeneidade e sua racionalidade.

Não foram poucos os anos que se passaram desde que Tomaz Tadeu da Silva nos trouxe essa constatação. No entanto, ainda se percebe uma tentativa de resgatar esse sujeito unificado, racional, esculpido pela identidade fixa. Em outras palavras, propõe-se pensar alguns discursos que fizeram chegar até a questão que este artigo pretende trabalhar, ou seja, aqueles que questionam a profissão docente, como espaço do intratável, a docência enquanto problema (aqui não a ser corrigido ou colocado em questão, mas um problema sem solução; falido); os sujeitos da educação enquanto desajustados, esquecidos, deixados de lado, negligenciados; os sujeitos da educação que não correspondem nem atendem à ordem.

Dentro da sala de aula ou na sala dos professores, percebemos que as narrativas atravessam as identidades, são essas “construídas dentro e não fora do discurso” (HALL, 2014, p. 109) que estão visíveis nesses espaços. Os alunos e as alunas aparecem, nesse cenário, como inalcançáveis, sem possibilidades, sem potência. Espera-se, portanto, que essas identidades discentes no contemporâneo se assemelhem ao sujeito da modernidade. Espera-se trabalhar com alunos e alunas em relações binárias, hierarquizadas, por vezes simbolicamente violentas. Do ponto de vista dos(as) alunos(as), nesse caso específico – nas cinco turmas de segundo e terceiro ano do ensino médio regular onde realizei meus estágios docentes obrigatórios no ano de 2018 –, é perceptível a ansiedade em torno de tentar construir uma identidade pautada nessas centralidades, ao mesmo tempo que o contemporâneo oferece diversas ramificações de modos de existência. Palavras como ansiedade, medo, angústia foram ditas em momentos de discussão nas aulas de Sociologia, nas quais propus tratarmos de temas relacionados a juventude e identidade (especificamente processos de socialização, identidade nacional, *habitus* e algumas atividades com colagens de imagens que trataram do jovem no contemporâneo a partir da percepção dos próprios alunos e alunas), e em conversas informais dentro e fora da sala de aula.

Todos esses elementos observados tornaram-se matéria para começar a pensar este problema de pesquisa. Primeiro porque há um autorreconhecimento nessas falas: um eu que já foi e continua sendo aluna, que sentia e sente que transborda(va), escapa(va); segundo, não há o intuito de resolver todos os problemas da educação, portanto, não existe cunho salvacionista, mas pensar na possibilidade de questionar essas verdades, propondo discussões e desconstruções a partir de alguns questionamentos, como, por exemplo: o que é ser humano/sujeito? Por que, por vezes, imaginamo-nos como monstros quando não conseguimos cumprir com as demandas de sujeito? Por que nossos alunos e alunas são retratados como monstruosos?

Seria, portanto, o formato da escola moderna não mais suficiente para dar conta dessas identidades em transformação no contemporâneo e, por isso, criam-se monstros, possibilitando um novo espaço de existência onde o movimento é possível? O que resta, então, para a matéria infame que não cabe no contorno humano? Viver pelas bordas, talvez? Fabular criaturas que deem conta do que escapa? E então, o que há no monstruoso se não o perceber-se como tal? Reconhecer-se no estranho?

Mais do que denunciar a tentativa de resgatar esse sujeito unificado, proponho pensar a aula atravessada por essas monstruosidades enquanto vantagem pedagógica<sup>1</sup>, e pensar uma educação atravessada por monstruosidades é pensar uma educação que entenda o diferente como “vantagem pedagógica”. Ou seja, não entender a diferença enquanto “anormalidade” ou baixo “capital cultural”, nem como um problema a ser resolvido ou tolerado. Trata-se de entender a diferença articulada a identidades plurais, que devem ser reconhecidas e valorizadas (CANDAU, 2016, p. 304).

## **2 Os sujeitos e os monstros: possíveis atravessamentos**

### **2.1 As identidades em movimento no contemporâneo**

Em *Documentos de Identidade*, Tomaz Tadeu da Silva (2015) escreve sobre a crítica pós-estruturalista do sujeito do humanismo e da filosofia da consciência no estruturalismo. Portanto, no pós-estruturalismo, esse sujeito é uma invenção cultural e histórico-social, “não possuindo nenhuma propriedade essencial ou originária” (SILVA, 2015, p. 120). Como sugere o autor, Foucault entende o sujeito como resultado dos dispositivos que o constroem enquanto tal, desconfiando das definições de “verdade”. O pós-estruturalismo não “apenas questiona essa noção de verdade (...)”, destaca; também questiona, “em vez disso, o processo pelo qual algo é considerado verdade” (SILVA, 2015, p. 123).

O pensamento pós-estruturalista e pós-moderno provoca uma crise, portanto, no que pensávamos do sujeito na modernidade – sujeito este visto como original, produto de uma essência. Essas “crises de identidade” são consideradas por sociólogos e teóricos como características das sociedades contemporâneas (WOODWARD, 2014).

---

<sup>1</sup> O conceito de “vantagem pedagógica” proposto por Vera Maria Candau (2016) é apropriado neste trabalho como forma de pensar os diferentes modos de existir dentro de uma sala de aula e entender que isso compõe uma pluralidade. Defendemos que essa pluralidade é de extrema importância porque produz rachaduras e oportunidades de questionar o normativo, enriquecer a aula, propor novas formas de saber e conhecer, sendo essas formas outras tão importantes para a Sociologia.

A identidade é uma relação social, está sujeita às relações de poder, não é definida, mas imposta, e pertence a um campo de disputas (SILVA, 2014). Portanto,

Importa, hoje, ressaltar outros movimentos, espécies de modulações, ondas de autodeformação contínua, que se fixam ora em modos mais impermeáveis, ora em outros mais abertos e porosos. Com isso, haveria linhas de fuga, saídas, novos espaços de resistência e invenção. (HENZ, 2009, p. 68).

No contemporâneo, então, como salienta Henz (2009), trata-se de pensar em espaços, ressaltar esses outros movimentos, possibilitar essas porosidades. Se estamos colocando em xeque o sujeito centralizado e pensando o sujeito enquanto produto de relações de poder, supomos que possamos disputar politicamente por espaços-outros que não os dominantes, os que já conhecemos. O contemporâneo nos dá, nesse momento, uma maneira de produzir heterotopias.

Este Monstruário, ou seja, este pequeno vilarejo de monstros, este inventário de monstruosidades é um espaço heterotópico, não porque este lugar pertença a espaço nenhum (reservemos isto para as utopias), mas porque pertence a espaços absolutamente outros, as heterotopias. Para Foucault (2013, p. 20), são essas espécies de contraespaços, esses lugares que se opõe a todos os outros, que são absolutamente diferentes, como por exemplo

o fundo do jardim, é com certeza o celeiro, ou melhor ainda, a tenda de índios erguida em meio ao celeiro, ou é então – na quinta-feira à tarde – a grande cama dos pais. É nessa cama que se descobre o oceano, pois nela se pode nadar entre as cobertas; depois, essa grande cama é também o céu (...), é a floresta (...), é a noite (...), é, enfim, o prazer (...).

E ousamos dizer que este Monstruário pode apresentar-se como uma “heterotopia de desvio” (FOUCAULT, 2013), em outras palavras, como esses lugares que a sociedade coloca nas margens, que estão reservados aos indivíduos desviantes à norma exigida. Essencialmente, este Monstruário faz parte da contestação de todos os outros espaços. As heterotopias têm “como regra justapor em um lugar real vários espaços que, normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis.” (FOUCAULT, 2013, p. 24).

O Monstruário, portanto, questiona as identidades fixas, justamente porque “não se vive em um espaço neutro e branco; não se vive, não se morre, não se ama num retângulo de uma folha de papel” (FOUCAULT, 2013, p. 19). Mais do que questionar essas identidades, justapõe os espaços até então binários do humano e do monstro, provocando um espaço outro, cheio de porosidades, de movimentos, relevos.

## 2.2 Monstros: as sete teses de Cohen

O que há por trás da monstruosidade se não uma narrativa? Antes de falarmos sobre monstros, precisamos pensá-los. Propõe-se que façamos isso. A discussão conceitual será necessária para legitimar a escolha do termo "monstros" nesta proposta de intervenção pedagógica, nos caminhos que este trabalho tem traçado.

Jeffrey Jerome Cohen (2000, p. 23), no texto "A cultura dos monstros: sete teses", propõe sete teses como "método para se ler as culturas a partir dos monstros que elas engendram".<sup>2</sup>

A primeira tese, chamada "O corpo do monstro é um corpo cultural" (p. 26), traz o monstro como metáfora, corporificação de um momento cultural. Esse corpo incorpora medo, desejo, ansiedade e fantasia. "O corpo monstruoso é pura cultura" (p. 27). Cohen salienta que, etimologicamente, *monstrum* é "aquele que adverte", "aquele que revela" (p. 27).

A segunda tese, "O monstro sempre escapa" (p. 27), nos diz que "o monstro em si torna-se imaterial e desaparece, para reaparecer em outro lugar" (p. 27). A ameaça do corpo do monstro é justamente a propensão a mudar. Esse elemento é o que mais chama atenção nas teses de Cohen, ou seja, os monstros estão ligados a momentos culturais que ameaçam mudar. E o sentimento de ameaça nos mostra que "tal como a linguagem, a tendência da identidade é para a fixação." (SILVA, 2014, p. 84).

Na terceira tese, "O monstro é o arauto da crise de categorias" (p. 30), Cohen aponta que os monstros não possibilitam uma categorização fácil: "[...] eles são híbridos que perturbam, híbridos cujos corpos externamente incoerentes resistem a tentativas para incluí-los em qualquer estruturação sistemática." (p. 30).

Os monstros aparecem em época de crise, são a própria crise: questionam o pensamento binário. Os monstros exigem "um sistema que permita a polifonia, a reação mista (diferença na mesmidade, repulsão na atração) e a resistência à integração" (p. 31). Como sugere Cohen, o monstruoso oferece uma fuga, "um convite a explorar novas espirais, novos e interconectados métodos de perceber o mundo." (p. 31).

A quarta e quinta teses, chamadas "O monstro mora nos portões da diferença" (p. 32) e "O monstro polícia as fronteiras do possível" (p. 40), tratam do monstro enquanto criatura que vive em nosso meio. O monstro incorpora o Fora, mas, no entanto, origina do Dentro. A diferença monstruosa é cultural, política, sexual, racial,

---

<sup>2</sup> Todas as páginas citadas a seguir são do texto "A cultura dos monstros: sete teses" de Jeffrey Cohen (2000).

econômica. Por exemplo, para manter as identidades de gênero, a identidade sexual que é vista culturalmente como “desviante” está sujeita ao processo de transformação em monstro. O monstro político-cultural, nesse caso, corporifica a diferença, ao mesmo tempo que a apaga, no momento em que revela a diferença enquanto “arbitrária e flutuante [...] o monstro ameaça destruir não apenas os membros individuais de uma sociedade, mas o próprio aparato cultural por meio do qual a individualidade é constituída e permitida.” (p. 40). O monstro, então, nos permite visualizar o sistema de relações, a cultura, chamando atenção para fronteiras que não devem ser cruzadas, ou seja, o monstro delimita o espaço cultural, limitado, onde os corpos culturais podem se movimentar.

O monstro atrai, nos diz a sexta tese – “O medo do monstro é realmente uma espécie de desejo” (p. 48). Os monstros podem aterrorizar, mas a ligação dos monstros com a proibição torna o monstro atraente, “como uma fuga temporária da imposição” (p. 48). Eles habitam obscuras regiões perigosas, tornam-se matéria de fantasia feliz, horizontes de libertação. São esses domínios de fantasia, que se apresentam como corpos secundários nos quais “possibilidades de outros gêneros, outras práticas sexuais, e outros costumes sociais podem ser explorados” (p. 51). Segundo Cohen, em alguns casos, o monstro pode funcionar até mesmo como um *alter ego*, “como uma aliciante projeção do eu (um Outro eu)” (p. 49), e “esse eu, ao lado do qual tão repentinamente e tão nervosamente nos colocamos, é o monstro.” (p. 53).

Os monstros, portanto, permitem a formação de todos os tipos de identidade, seja ela “pessoal, nacional, cultural, econômica, sexual, psicológica, universal, particular [...]” (p. 53), atribuem significado ao Nós e ao Eles e proporcionam uma variedade de morfogêneses, tornando esse lugar duplamente perigoso: ao mesmo tempo que apresentam-se como exorbitantes, também estão muito próximos.

Talvez seja o momento de fazer a pergunta que sempre surge quando o monstro é discutido seriamente [...]: os monstros realmente existem? Eles seguramente devem existir, pois se eles não existissem, como existiríamos nós? (COHEN, 2000, p. 54).

A sétima e última tese de Cohen, intitulada “O monstro está situado no limiar... do tornar-se” (p. 54), salienta que os monstros estão escondidos nos recantos proibidos de nossa mente, nas margens do mundo; são expulsos. E também retornam. E é nesse retorno que “eles trazem não apenas um conhecimento mais pleno de nosso lugar na história” (p. 55), mas também um certo tipo de autoconhecimento, “um conhecimento humano – e um discurso ainda mais sagrado na medida em que surge do Fora.” (p. 55). Os monstros questionam a nossa forma de perceber o mundo;

“eles nos pedem para reavaliarmos nossos pressupostos culturais sobre raça, gênero, sexualidade e nossa percepção da diferença” (p. 55). Os monstros nos questionam sobre o porquê de os humanos os criarem.

Todas as sete teses de Cohen (2000) são essenciais para o conceito de monstro que está sendo utilizado no projeto<sup>3</sup>, no entanto, utilizo mais intensamente as propostas das teses um, dois, três e sete. Primeiro no que diz respeito ao monstro enquanto corpo cultural, enquanto criatura que adverte, revela; mais do que isso, no monstro enquanto criatura que ameaça sempre mudar, que surge em um lugar, desaparece, ressurgue em outro lugar. Segundo, o monstro como o que escapa, que não se presta à categorização fácil, que aparece em momentos de crise e questiona o pensamento binário. Compreende-se o monstro como problematizador de uma época, questionador da nossa forma de ver o mundo.

As teses de Cohen trazem características importantes para os monstros: eles possibilitam movimento. O que interessa é justamente essa possibilidade de que, a partir dessas características, ainda assim possamos dar espaço para a criação. O monstro surge como algo de fora, como questionador de identidades que tendem a ser fixas, como questionador de uma época – e essa época, neste trabalho, é o contemporâneo –, mas ele não para por aí. Muda o tempo todo e está em todos os lugares, não pertence a um sistema binário, nem hierárquico, muito menos classificatório. A partir das teses, pode-se imaginá-lo com uma certa plasticidade, um vai e vem ou um vai que não tem compromisso com voltar, tanto faz, desde que exista movimento e que esse movimento deixe traços, devires, questionamentos; que abandone certezas, cometa loucuras, seja espaço de voz – e de silêncio. Que os monstros, essas criaturas amorfas, façam com que algo borbulhe, que emerja, seja lá o que for.

É com esse monstro desacomodado, desajustado que trabalhamos. Esse monstro que tenta cumprir com tantas tarefas importantes de questionamentos, mas que ao mesmo tempo nos devolve o ar, nos permite fantasiar, desejar, tornar matéria de escrita o que pensamos que sabemos de nós mesmos.

### **2.3 Os monstros e a fantasia**

Barthesianamente falando (BARTHES, 2003, p. 8), a figura da fantasia tem a força do desejo, essa primeira força “que posso interrogar, interpelar, aquela que conheço em mim, embora através do logro do imaginário”.

---

<sup>3</sup> Projeto de extensão realizado pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em parceria com duas escolas no município de Porto Alegre.

A fantasia, como diz Barthes (2003, p. 12), frequentemente cristaliza-se através de uma palavra, é essa “volta de desejos, de imagens, que rondam, que se buscam em nós, por vezes durante uma vida toda”, não como dual ou plural, mas “algo como uma solidão interrompida de modo regrado: o paradoxo, a contradição, a aporia de uma partilha das distâncias” (BARTHES, 2003, p. 13). Aqui, o desafio está justamente na proposta da palavra “Monstruário” como possibilidade de cristalizar a fantasia. É, portanto, “esse romancinho de bolso que a gente leva sempre consigo e que se pode abrir em qualquer lugar” (BARTHES, 2017, p. 101).

Trazendo os monstros para o debate, sabendo que o desejo está presente na fantasia, o Monstruário seria, então, a própria cristalização da fantasia. Essas criaturas seriam justamente aquilo que está no bolso, que dispara, interrompe a solidão, contradiz.

Na psicanálise, Corso e Corso (2016) refletem sobre a crença do senso comum da realidade, sendo ela parte desse sujeito acordado, despertado. A fantasia seria um tipo de consolo para suportar os fatos reais da vida. Laplanche e Pontalis (2001) também apresentam essa oposição entre fantasia e realidade, e assim seríamos “levados a definir a fantasia como uma produção puramente ilusória que não resistiria a uma apreensão correta do real” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 169). Essa crença sobre a fantasia é apresentada e ao mesmo tempo criticada e rejeitada por Corso e Corso (2016) e Laplanche e Pontalis (2001), no que diz respeito a sua relação com a realidade. Assim como Barthes (2017), quando se trata de fantasia, esta nunca está separada do real.

Portanto, a relação entre fantasia e desejo é complexa, como aponta Laplanche e Pontalis (2001). Ela surge “como irredutível a um objetivo intencional do sujeito desejante” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 172). A fantasia dá espaço à defesa, à inversão, à projeção, à negação, ao retorno sobre a própria pessoa, portanto. “Não é um objeto representado, como visado pelo sujeito, mas uma sequência de que o próprio sujeito faz parte e na qual são possíveis as permutas dos papéis” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 173).

Dito isso, a fantasia faz parte do Monstruário – ou o Monstruário faz parte da fantasia, que opera através do imaginário, do desejo. Toma-se, então, uma posição barthesiana: a fantasia, esse algo que permanece concomitante à consciência da realidade, cria um espaço duplo, desencaixado, onde algo se trança e é um começo de escritura (BARTHES, 2017).

Não se trata, portanto, de um esgotar-se: sair de um e ficar preso no outro. Sair do humano, ficar no monstro. Propomos que o Monstruário nos ensine a deformar, desfigurar o conhecido, questionar o que tomamos por estranho, acolhê-lo, talvez torná-lo parte. Então espelhamos nossos corpos nesses outros corpos que negam o normativo, o humano, não para nos tornarmos desfigurados em si, mas para fazer desse espaço um instrumento de tornarmo-nos outras coisas para além do que conhecíamos e daquilo a que nos limitávamos. Aqui, concordamos com José Gil (2000) em “Metafenomenologia da monstruosidade: o devir-monstro” quando o autor salienta que “os monstros, felizmente, existem não para nos mostrar o que não somos, mas o que poderíamos ser” (GIL, 2000, p. 168).

### **3 Aula: uma possível conexão entre a docência artista da tradução e os monstros**

Para pensar uma aula atravessada por monstruosidades, estes atravessamentos, portanto, dizem respeito à docência artista. Em outras palavras, proponho que tomemos uma atitude artista, de modo que a docência, seja um lugar de artistagens.

A didática artista movimentada os elementos científicos, filosóficos e artísticos, lida com a experimentação – necessária ao processo criador – e, com isso, “constitui um campo artistor de variações múltiplas e disjunções inclusivas; que compõem linhas de vida e devires reais” (CORAZZA; COSTA, 2017, p. 150), que desterritorializam afirmativas.

O que tentamos fazer com os monstros é movimentar essa didática artista, abrindo “fissura nas certezas e verdades herdadas” (CORAZZA; COSTA, 2017, p. 151), principalmente nas verdades herdadas a respeito da constituição do sujeito, trazendo e traduzindo elementos das ciências sociais para compor a possibilidade dessas rachaduras. Esse movimento de ser professora enquanto didata-tradutora (CORAZZA; COSTA, 2017) possibilita o uso dessas criaturas enquanto tradução: aqui, o que se pretende é justamente imaginar, fantasiar, fabular.

Por isso, utilizo a didática artista como meio para pensar o lúdico na sala de aula, fazendo essas traduções: “considerando que é da natureza da tradução ser infiel ao original, toda didática criada não pode ser menos do que o resultado de uma artistagem” (CORAZZA; COSTA, 2017, p. 155). Assim, sem compromisso com a fidelidade, possibilitar a entrada no maravilhoso e assustador mundo dos monstros, coloca-lo em evidência e abrir as caixas-pretas da produção de conhecimento, produzir fissuras – movimentar-se nelas –, criar uma atmosfera monstruosa,

imaginar, experimentar, artistar, escrever, dar corpo, desfigurar, fazer “o que der na telha”: exorcizar monstros, abraçar monstros, ser monstro, dançar tango com um monstro, deslocar monstros, ferir um monstro, desfigurar monstros, amar um monstro, desejar nos monstros, o que é um monstro?, o que pedem os monstros?, pesquisar monstros e, no fundo, nada mais e nada menos do que escrever, ou seja, escrever-e-ler a monstrosidade. Traduzir, sabendo que “os procedimentos tradutórios não compreendem e referem-se a sistemas prontos de interpretação: mas desenvolvem experiências que têm relação com modos de desterritorialização do existente.” (CORAZZA, 2017, p. 47).

Portanto,

educar é também habitar, com os olhos abertos, um meio onde a imagem se torna adúltera, onde as coisas progridem, os signos proliferam e a transformação é sempre contraponto, afecção e abertura para outras perspectivas, a novos e uma vez mais provisórios ângulos de vida e visão. (CORAZZA; COSTA, 2017, p. 157).

No entanto, como movimentar-se na didática artista? Como ser uma docente artista?

Neste caso, ou seja, no que este trabalho se propõe, dentro das aulas de Sociologia, a didática artista funciona como disparadora de novas formas de conhecer a partir das próprias experiências dos(as) alunos(as). Trata-se da artistagem de uma(um) docente que é atravessada(o) pelos modos de existir dos discentes, junto das teorias sociológicas que podem ser propostas para cada tema de aula específico. Utilizar a didática artista como atravessamento para trabalhar com monstros é possibilitar movimento, é pensar a aula enquanto obra. Ou seja, trata-se não apenas de acionar um modo artista de existir, mas também de produzir outras possibilidades de modos artistas a partir do diálogo entre docente e discentes. Os monstros aparecem como instrumento dessa didática para, através de alguns elementos (nesta proposta específica, a escrita), questionar a ideia de sujeito, de conhecimento, de saber, de poder, de aula. Portanto, esta produção de uma docente artista, em outras palavras, esta obra, funciona como tradução, porta de entrada para tornar uma aula de Sociologia passível de desconstruções do que entendemos enquanto sujeitos, do que pensamos que somos, dos mitos que construímos.

E o que ganhamos com esta obra? Bem, se pensarmos nas diversas experiências individuais possíveis, todos os tipos de coisas nós diríamos. Mas, talvez, especificamente, podemos ganhar a possibilidade de movimento. Ou seja, que esta obra docente, produzida no seio de uma didática artista, possa, de fato, movimentar

os modos de produção de conhecimento e abrir fissuras para novos modos de existir dentro da sala de aula.

### **3.1 Uma proposta de escrever-e-ler a monstruosidade**

"O que é a escrita?", questiona Barthes (2004, p. 9) no primeiro capítulo de *O grau zero da escrita*. Ele mesmo responde quando fala da língua e do estilo. A língua é "um corpo de prescrições e de hábitos, comum a todos os escritores de uma época." (BARTHES, 2004, p. 9). O estilo está quase além: "imagens, um fluir, um léxico nascem do corpo e do passado do escritor e se tornam, pouco a pouco, os automatismos mesmos de sua arte" (BARTHES, 2004, p. 10). E mais: o estilo é sempre bruto, uma forma sem destino, resultado de um surto, sem intenção, como uma dimensão solitária de um pensamento, "ele é a 'coisa' do escritor, seu esplendor e sua prisão, é sua solidão" (BARTHES, 2004, p. 11). Entre a língua e o estilo, existe espaço para outra realidade: a escrita. E é aí onde o escritor se individualiza. A língua e o estilo são objetos, a escrita é uma função. Sabendo desses elementos da língua e do estilo, o que nos interessa para a proposta de escrever o monstro é a realidade ambígua da escrita que, "por uma parte, nasce incontestavelmente de um confronto do escritor com sua sociedade; por outra, dessa finalidade social, ela remete o escritor, por uma espécie de transferência trágica, às fontes instrumentais de sua criação" (BARTHES, 2004, p. 15).

Por que, no entanto, escrever monstros?

Justamente para movimentar os discursos que dizem respeito à construção de identidade desses(as) alunos(as) específicos, calcada na tentativa de resgatar esse sujeito da tradição humanista, supracitada anteriormente neste texto. A partir disso, a proposta, neste ponto, toma uma atitude barthesiana: a da fantasia; do desejo. O objetivo é que, ao escrever monstros, estejamos criando uma outra possibilidade de existência e que, dessa forma, possamos, justamente por meio da fantasia, imaginar um outro discurso de realidade para o sujeito. E mais do que desnaturalizar os discursos, propõe-se criar estilos, como em Barthes (2004), que possibilite ao aluno(a) escritor(a) – e não mais apenas à professora pensar em uma didática artista – uma forma de artistar; ou seja, criar sua própria artistagem através do estilo na escrita.

Tendo esses dois elementos citados como norteadores da proposta, resolvi trabalhar com uma das turmas de segundo ano do ensino médio na qual lecionei Sociologia durante o estágio docente, já que um dos temas trabalhados na disciplina tratou das

construções sociais e da construção de identidade na juventude atual. A proposta aos alunos(as) consistiu apenas em uma questão: imaginar um monstro em uma escola de monstros e escrever sobre isso. A temática dos monstros já vinha sendo pensada por mim desde que era uma estudante de ensino médio. Percebi, com os(as) alunos(as) do estágio, que muitas das inseguranças e dos traços que enxergava em minha adolescência ainda existem na geração atual. Quando a proposta surgiu, então, resolvi apostar na possibilidade de os monstros falarem sobre diversos temas inquietantes, conforme eram as demandas dos estudantes de ensino médio.

A partir dessa experiência com minha turma, resolvi levar a proposta para outros espaços: um deles é a extensão universitária 'Saberes Significativos: quando a universidade aprende com a escola e a escola aprende com a universidade', coordenada pelo professor Luciano Bedin da Costa<sup>4</sup>, da qual participei no ano de 2018. Com a ideia de fazer uma interlocução entre monstros e o projeto de extensão, levou-se a proposta de escrever (e desenhar) monstros para uma escola de ensino fundamental situada no município de Porto Alegre. Com a ajuda da professora de Filosofia, trabalhei com alunos entre oito e doze anos. Outro espaço surgiu da interlocução do projeto com uma turma de Psicologia da Educação II, a qual também foi atravessada pela temática de monstros. Com o auxílio do professor Luciano da Costa, fizemos a mesma proposta de escrita dos monstros com os graduandos das licenciaturas da turma atendida pela disciplina. Já estávamos trabalhando com a escola, dentro das oficinas, a temática dos monstros. Novamente, não foram solicitados muitos elementos para a produção escrita. A ideia era que os licenciandos tivessem liberdade para utilizarem a imaginação e se sentissem à vontade para usar quaisquer argumentos e narrativas que quisessem; o que importava era justamente essa reação espontânea à monstruosidade, traçando-a quase como um "o que vem à cabeça" quando se pensa em monstros. Dessas produções, outros ecos surgiram para além do estágio docente e da extensão universitária, mas tomei como base os traços de algumas produções das três etapas diferentes de ensino que se propuseram a escrever os monstros: ensino fundamental (escola situada no município de Porto Alegre), ensino médio (escola situada no município de Novo Hamburgo, onde realizei os estágios obrigatórios) e ensino superior (com a turma de Psicologia da Educação II, que atende a algumas das licenciaturas oferecidas pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul), na tentativa de pensar traços em comum, convergências, divergências e a possibilidade de uma pluralidade de escritas monstruosas.

---

<sup>4</sup> Docente da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

## **4 Monstros e educação: um vilarejo heterotópico que se firma**

### **4.1 Convite ao Monstruário**

Convidamos você, leitor(a), a desbravar, passear, cavocar, fantasiar esta espécie de cartografia deste monstruoso vilarejo heterotópico chamado Monstruário. O Monstruário é assim: conta com algumas regras, desde que estas lhe permitam movimento. E um espaço cheio de peculiaridades, bizarrices, experiências.

Neste Monstruário, contamos com o seguinte sortimento:

- a. escrituras monstruosas que chamamos de respiro;
- b. monstros-habitantes de um vilarejo heterotópico rondando por aí;
- c. algumas discussões teóricas para pensar a educação;
- d. posturas para lá de barthesianas;
- e. uma proposta monstruosa;
- f. um guia-prático para a viagem.

É importante destacar que este Monstruário e estes monstros-habitantes têm uma missão importante: questionar o sujeito da educação. Essas criaturas que habitam esta heterotopia, junto desta professora-monstro que agora escreve, permitem que, através da escritura, se possam analisar estes traços identitários que aparecem nos monstros criados, questionando, portanto, a moralidade, o certo e o errado, o ser, o sentir, o agir. Esses monstros brincam com a ideia de que outras coisas são possíveis, outro tempo, outras percepções, outros afetos, descartam a normatividade, questionam os papéis sociais, como, por exemplo, os de gênero, e reinventam formas de ser discente e docente e de se colocar no mundo.

Esses monstros não pretendem instaurar uma nova e única forma de agir na educação. Ao contrário, surgem para assustar a ideia de que há uma forma correta ou incorreta do fazer docente. Portanto, é possível que este Monstruário nos coloque a dançar, movimentar, chacoalhar nossos esqueletos. Mais do que isso, o Monstruário pode nos provocar a pensar sobre o porquê de termos criado esses monstros em vez de sermos, enquanto sujeitos, aquilo que desejamos.

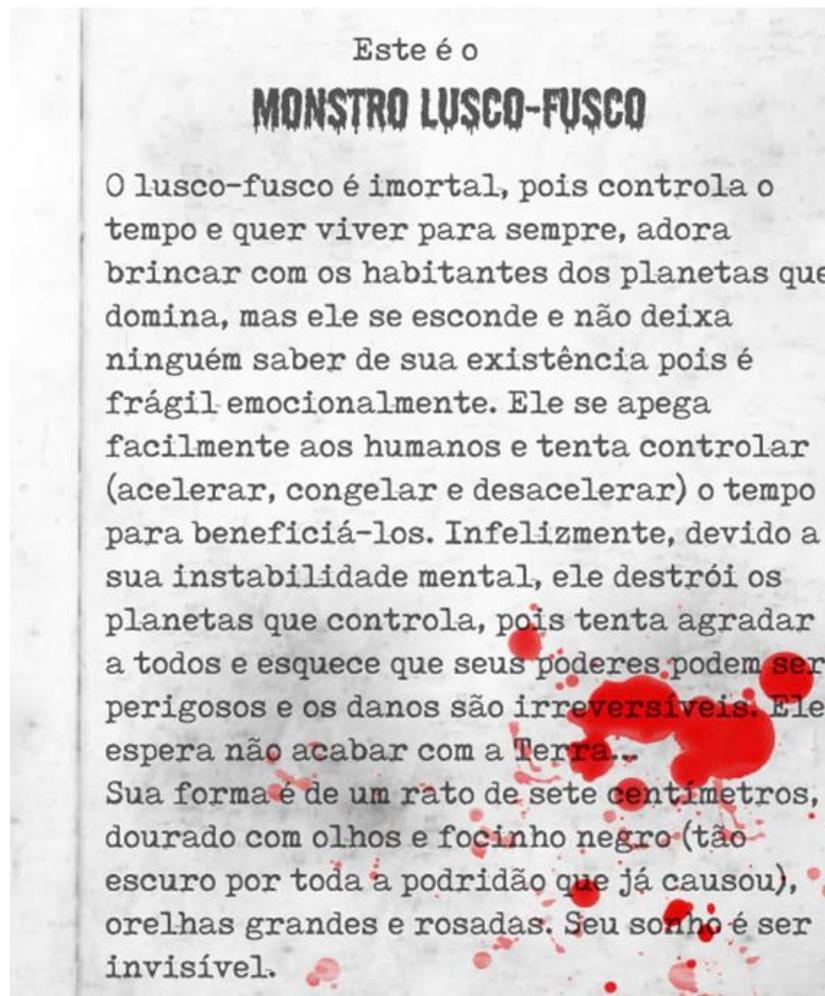
Lembre-se, também, de que encontrará alguns monstros-habitantes por aí. Você terá oportunidade de conhecê-los em breve, pois eles deixaram algumas cartas para você. Mas não se assuste. Eles assombram apenas as identidades fixas, as formas

normativas de existir. Uma vez que você foi convidado(a) a entrar, será bem-vindo(a). É importante alertar que esses monstros-habitantes não têm compromisso com categorizações; eles gostam mesmo é de criar algumas rachaduras onde possam se movimentar, porque abominam o estático.

O Monstruário adverte:

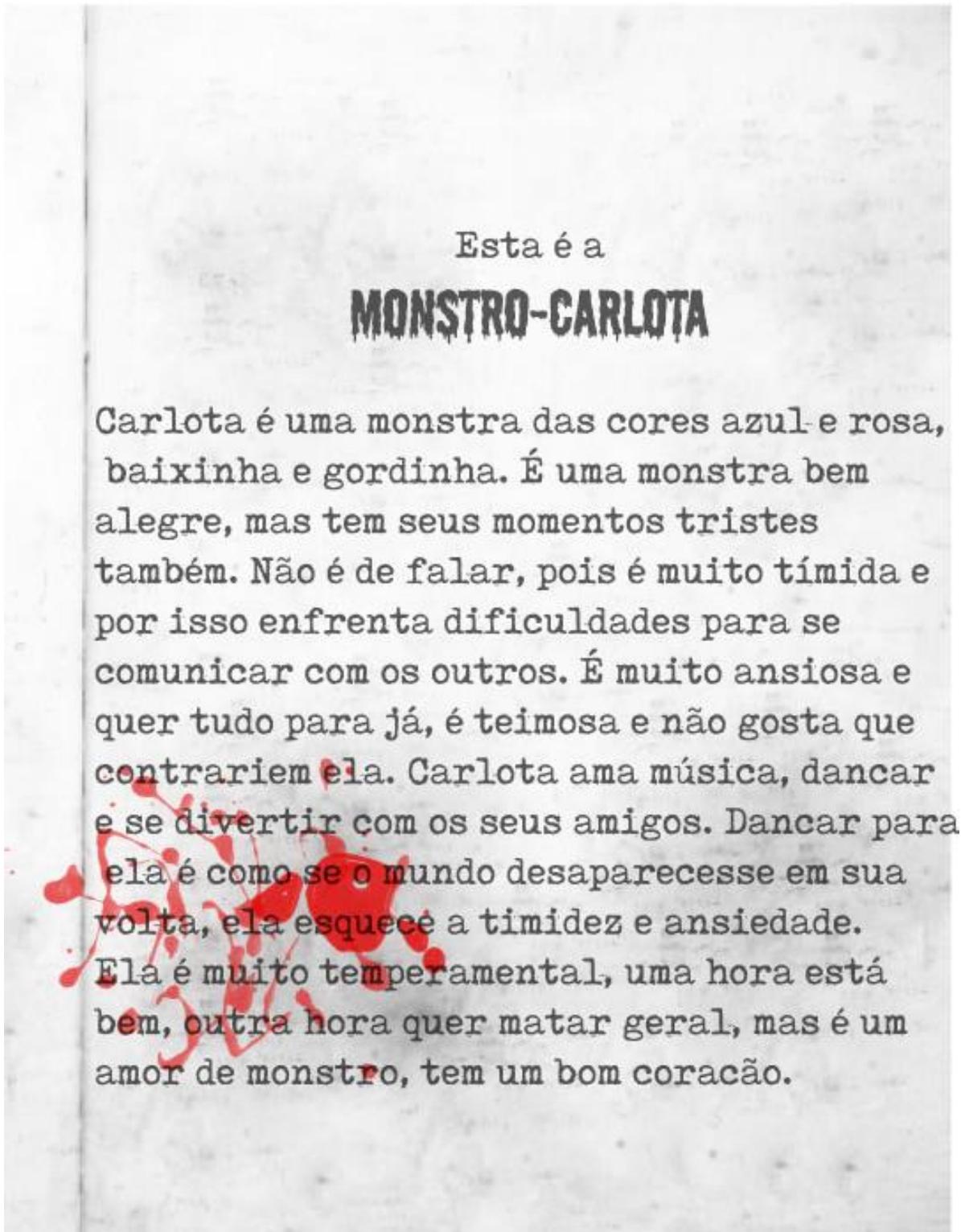
- Este trabalho pode conter fragmentos de Roland Barthes;
- O uso deste trabalho pode causar sérios danos à identidade fixa;
- Você pode acabar encontrando com alguns dos seus fantasmas inesperadamente;
- O uso abusivo deste trabalho pode levar você a questionar a docência da modernidade.

#### 4.2 Algumas cartas dos monstros-habitantes deixadas por aí<sup>5</sup>

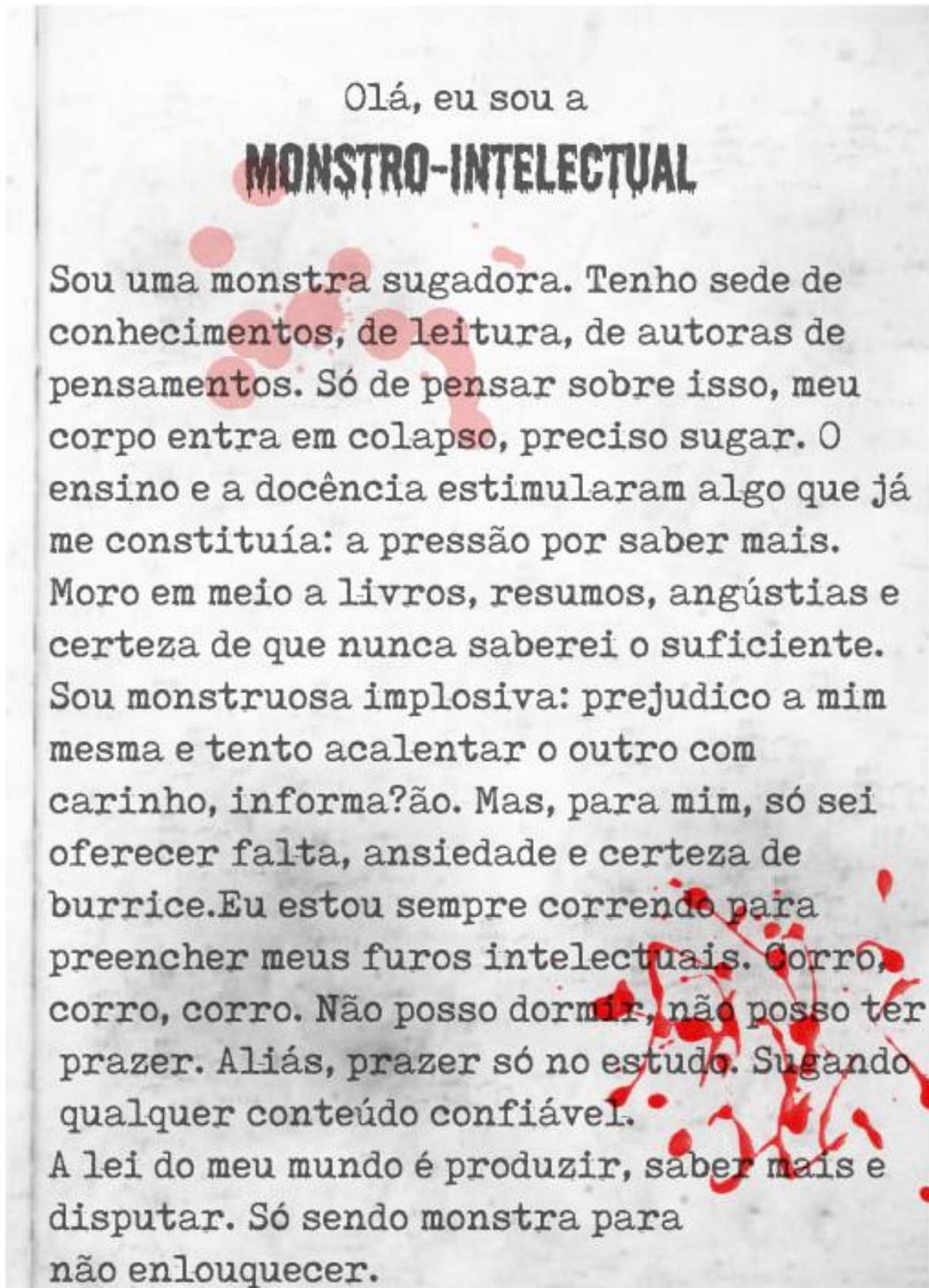


**Figura 01:** Produzida por J. S., segundo ano do ensino médio regular

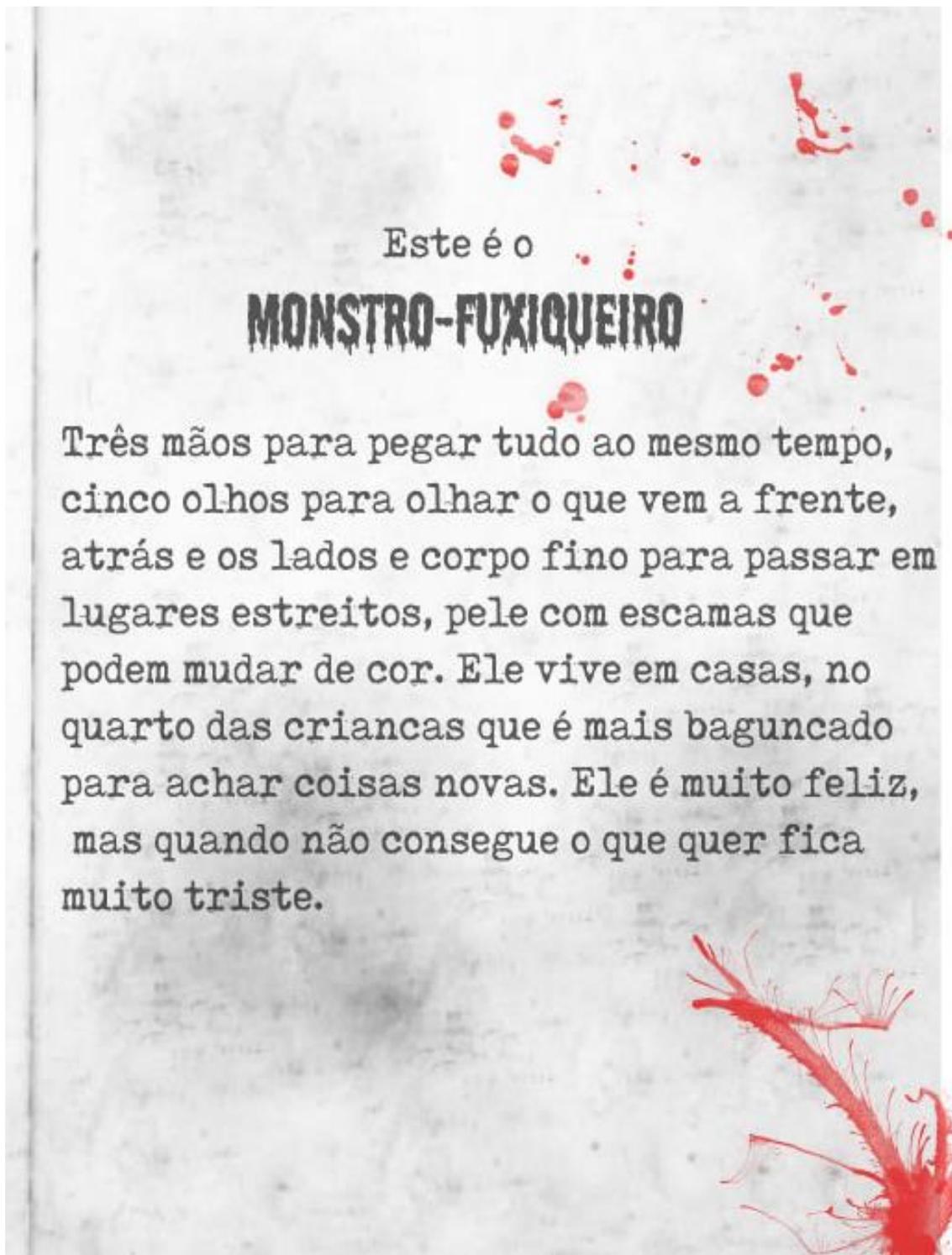
<sup>5</sup> Optou-se por suprimir os nomes verdadeiros dos(as) participantes.



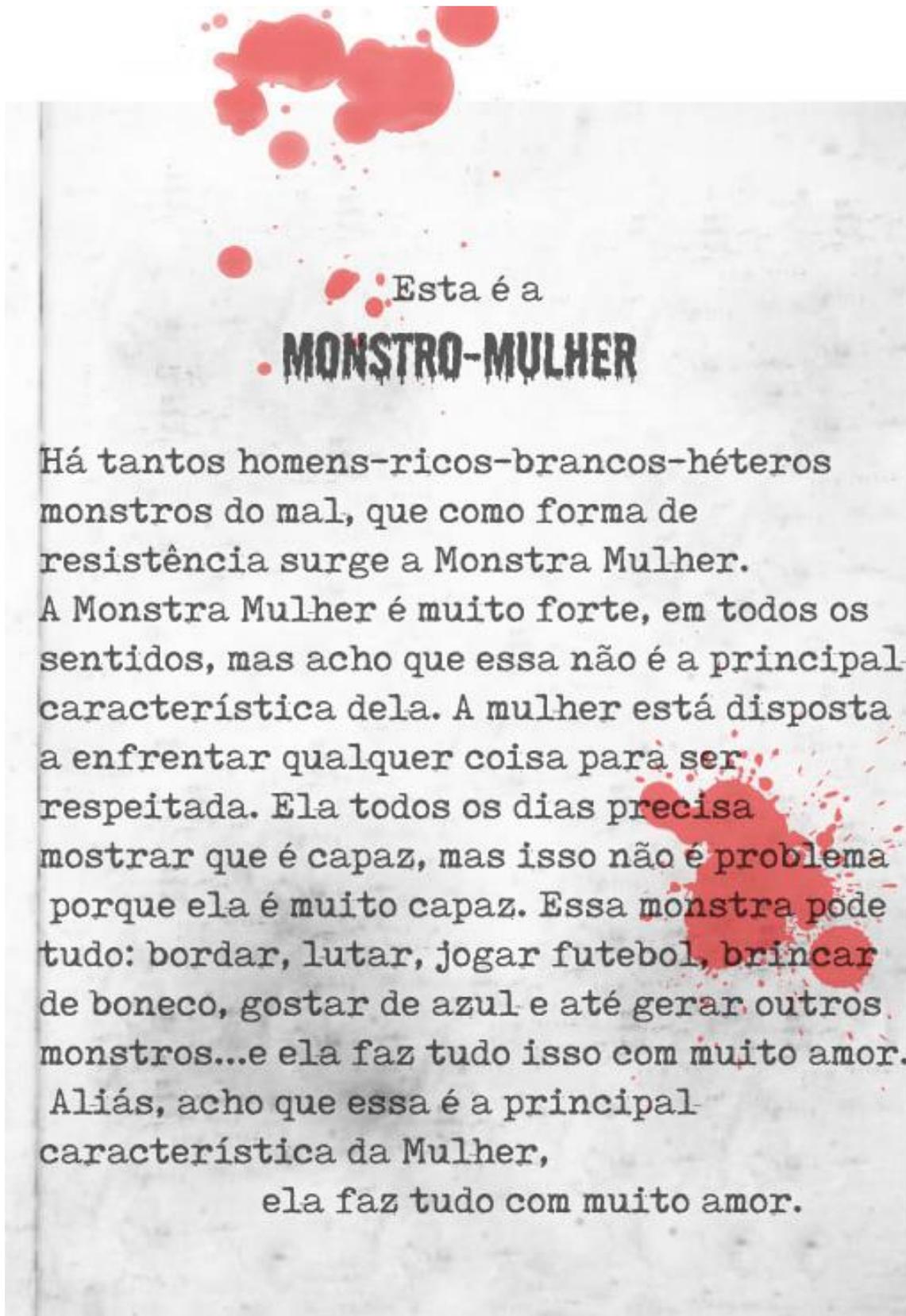
**Figura 02:** Produzido por V. V., segundo ano do ensino médio regular



**Figura 03:** Produzido por F. C., licencianda em Ciências Sociais



**Figura 04:** Produzido por F. M., quinto ano do ensino fundamental regular



**Figura 05:** Produzido por L. M., licencianda em Biologia

### **4.3 Um guia-prático para a viagem**

Você está apto a ter um monstro habitando seu corpo nos seguintes casos:

1. Se tem alma;
2. Se existe.

O monstro alimenta-se de diversos elementos (isso dependerá do corpo em que habita). No caso do Monstro-vianda, por exemplo, nos primeiros e longos momentos de vida, ele dará preferência à angústia, se ela tiver sabor de tristeza. Desespero a gosto. Mas é importante saber que cada corpo determina com o que seu monstro deve se alimentar. Saiba que o crescimento dele dependerá disso.

Você terá de carregar o monstro por onde for. Mesmo que não saia do lugar. Ele é parte de você. E por vezes será você. O seu corpo é um instrumento onde o monstro dá o tom.

Você está proibido(a) de expulsar o monstro do lugar onde ele habita. (Nota de rodapé sem um rodapé: a verdade aqui é que você não tem escolha. Não há como expulsar o monstro sem abrir mão de si mesmo)

O monstro pode ter diversas formas. Há casos em que é mais deformado, outros em que há uma combinação de fissuras, carne espessa e sangrenta. Existem outros monstros com três olhos, alguns escamosos. Não há uma regra geral. Ousamos dizer que já ouvimos relatos de monstros peludos, outros cor-de-rosa.

Em termos gerais, o monstro pode ser aterrorizador em primeiro contato. Mas, com o tempo, cada corpo perceberá, em sua hora, que a ausência do monstro é tão dolorosa quanto perder suas entranhas. Bem, de qualquer forma, isso é outra história. Retornaremos a esse ponto quando for necessário; talvez nunca – os monstros é que decidem.

## **5 Considerações para além dos finais**

O que surge quando uma professora em formação, alunos(as) de ensino médio, alunos(as) de ensino fundamental e alunos(as) de licenciaturas resolvem escrever sobre monstros? A proposta nada mais era do que criar uma heterotopia, de fato. Criamos, juntos, a partir deste trabalho, uma espécie de vilarejo monstruoso, onde as identidades fixas se dissipam, onde o movimento é sempre constante.

Com o fim do trabalho, ainda em 2018, percebemos, é verdade, um começo – depende do ponto de vista. Esta pode ter sido uma viagem cansativa, cheia de obstáculos, de castelos de areia desmoronados, mas também foi cheia de possibilidades construídas. O Monstruário deve ser visto como algo que atravessa: uma flecha que deixa alguns fragmentos de madeira na carne, tudo isso para nos lembrarmos de que, certa vez, algo passou por ali, e este algo deixou algumas marcas.

O Monstruário é apenas um exemplo das tantas heterotopias que podemos criar na educação. Ele serve como um convite a esses espaços outros que sentimos falta e que são tão necessários.

Os monstros criados pelas turmas, cada um, têm características peculiares específicas, demonstrando a pluralidade desses monstros-habitantes que passamos a conhecer neste vilarejo. Nesse sentido, descartou-se uma análise sistemática dos monstros, porque eles não precisam de categorização, não necessitam de um sentido oculto.

A existência, portanto, a criação desses monstros já faz todo o papel político: pensar uma realidade outra, um tempo outro, traços outros, um espaço outro, um sujeito outro. A escrita é testemunho dessas criações.

Os monstros permanecem, então, tal como Barthes (2017) diria, uma espécie de romancinho de bolso, que pode ser aberto em qualquer lugar, a qualquer hora. Eles servem como assombração das construções acerca das nossas próprias identidades e estão ali, prontos para nos lembrarem, quase como um sussurro em nossos ouvidos, que nunca fomos humanos.

## Referências

- BARTHES, R. **Como viver junto**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- \_\_\_\_\_. **O grau zero da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Roland Barthes por Roland Barthes**. São Paulo: Estação Liberdade, 2017.
- CANDAU, V. M. Ensinar-aprender: desafios atuais da profissão docente. **Revista COCAR**, Belém, ed. esp., n. 2, p. 298-318, ago./dez. 2016.
- COHEN, J. J. A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, T. T. (Org.). **Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 23-60.

CORAZZA, S, M. Didática-artista da tradução: transcrições. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Docência pesquisa da diferença**: poética de arquivo-mar. Porto Alegre: Doisa; UFRGS, 2017. p. 40-55.

CORAZZA, S. M.; COSTA, C. B. Didática da Tradução: O professor-artista e as transcrições do currículo. In: CORAZZA, S. M. (Org.). **Docência pesquisa da diferença**: poética de arquivo-mar. Porto Alegre: Doisa; UFRGS, 2017. p. 149-159.

CORSO, D. L.; CORSO, M. **A Psicanálise na terra do nunca** – ensaios sobre a fantasia. Porto Alegre: Artmed, 2016.

FOUCAULT, M. **O Corpo Utópico/As Heterotopias**. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

GIL, J. Metafenomenologia da monstruosidade: o devir-monstro. In: SILVA, T. T. da. (Org.). **Pedagogia dos monstros**: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 165-184.

HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. da. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 103-133.

HENZ, A. O. **Formação de professores**. In: AQUINO, J. G.; CORAZZA, S. M. (Org.). **Abecedário**: educação da diferença. Campinas: Papyrus, 2009.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. Direção de Daniel Lagache. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SILVA, T. T. da. Monstros, ciborgues e clones: os fantasmas da Pedagogia Crítica. In: SILVA, T.T. da (Org.). **Pedagogia dos montros**: Os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 11-21.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 73-102.

SILVA, T. T. da. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias de currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 7-71.

---

<sup>i</sup> Graduada em Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2018. Atualmente cursando Mestrado em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atuando na linha Filosofias da Diferença e Educação. Bolsista CNPQ/UFRGS. Contato: ed.ritzel@gmail.com

<sup>ii</sup> Professor no Departamento de Ensino e Currículo (DEC) da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - Área de Didática, Currículo e Formação de Professores. Doutor em Educação pela UFRGS. Psicólogo pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Membro dos Grupos de Pesquisa CEM - Currículo, Espaço, Movimento (Univates), DIF - Artistagens, Fabulações, Variações (UFRGS) e Escriteiras da Diferença em Filosofia-Educação (UFRGS). Organizador do ciclo de debates Arredores da imagem (UFRGS). Contato: cristianobc@ufrgs.br

Como citar esse artigo:

RITZEL, Eduarda ; COSTA, Cristiano Bedin da. O que escrevem os monstros & outras considerações de uma professora em formação. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria: UFSM, v. 12, n. 3, p. 35-56, set./dez. 2019.